



Redacção e Administração:

Rua D. Diogo Pinheiro, 25

Telefone 82431

BARCELOS

Fundado em 1911 por Rogério Calás de Carvalho

SEMANÁRIO REGIONALISTA

POR PORTUGAL — POR BARCELOS

ASSINATURAS:  
 Ano, 35\$00; Semestre, 20\$00; Trimestre, 10\$00—Metrópole  
 Ano, 60\$00 e 17\$500 por avião — Estrangeiro excepto Brasil  
 Ano, 45\$00 e 11\$000 — Ultramar e Ilhas  
 Ano, 50\$00 e 16\$000 — Brasil  
 Publicidade: Os Srs. Assinantes gozam do desconto de 10%.

Director e Editor interino: Rogério Domingos da Costa Carvalho  
 Propriedade de Herdeiros de Rogério Calás de Carvalho

Composição e Impressão: Companhia Editora do  
 Minho — Rua D. António Barroso — BARCELOS

SÁBADO, 1 DE AGOSTO DE 1964

VISADO PELA CENSURA

## O Concelho de Barcelos tomou conhecimento da grande ameaça que paira SOBRE A SUA INDÚSTRIA ARTESANAL

e reagiu enérgicamente pedindo a não criação da fábrica que querem construir em Sintra, ao mesmo tempo que lembram a criação do seu GRÉMIO DISTRITAL

Ciente das suas responsabilidades de Jornal de Província, integrado no regionalismo puro, «O BARCELENSE» tem-se dedicado afincadamente à salvaguarda de tudo quanto se considere riqueza de património artístico, cultural, económico, moral ou propriamente de progresso regional. Por isso, não se poupando a sacrifícios quis associar-se no seu último número, ao grito de alarme que o distinto jornalista

Começemos por fazer um pouco de história sobre os nossos barros.

Desde tempos imemoriais que no concelho de Barcelos, nas freguesias ao lado nascente, se modelava toscas peças de barro e o mais puro figurado de que se guardam amostras em várias colecções particulares.

Esta rudeza de formas manteve-se intacta até aos nossos dias e a sua originalidade, o primitivismo da sua execução começou a impressionar curiosos investigadores e surgiu então a grande arma que é a imprensa a fazer a apologia duma grande riqueza que Barcelos possuía. O Grémio do Comércio, através do seu incansável devotado Chefe de Secretaria incentivou de tal forma a fabricação de barros, que se pode dizer, excluindo a Gerência do SNI do tempo de António Ferro — o primeiro a expandir os nossos galos para o estrangeiro — sem medo de desmentido, dever-se a Simplicio de Sousa o incremento

dessa indústria que beneficia centenas de pessoas, ou mesmo milhares de pessoas.

Chegamos aos nossos dias e vemos uma indústria lançada mundialmente. Do grande «embaixador» que foi o galo de barro, hoje Barcelos exporta desde este, até à mais bizarra peça de barro cozido, desde o assobio até ao puro artesanato dessa Rosa Ramalho que é conhecida para além fronteiras.

Assim se criaram cobiças, mas o pão duro que a região de Barcelos amassou, esse passou, mas não deixamos, quantas vezes, de pedir protecção e carinho para uma riqueza que se estava a perder. Por si, os barros de Barcelos venceram, e quando o galo cantava alegre o hino do bem estar surgem uns tantos com a intenção de tirar proveito das horas de sacrifício da nossa gente, se já não bastasse a indústria dos plásticos para a massacarar.

Não, o Governo da Nação não pode nem deve permitir que se instale no país uma indústria que não só desvirtuava a pura arte do nosso artífice, como faria com que milhares de pessoas fossem deitadas para um nível de vida baixíssimo, passando a ocupar-se a «roubar laranjas», como um industrial de Olaria classificou a ocupação daqueles que viveram no período mau dos barros de Barcelos.

Hoje, nas freguesias de Manhente, Galegos Santa Maria, Galegos S. Martinho, Areias S. Vicente, Pousa, Roriz, etc., não se vive o período do «rouba laranjas», mas uma época de bem estar, atingindo-se um nível de vida muito superior a alguns centros industriais do País. De 5\$00 ou 10\$00 que um operário ganhava há quinze anos, hoje ganha 30\$00 ou 50\$00 ou mais escudos, e já não será mais empregado de lavoura porque a lavoura quase desapareceu nestas

freguesias, para dar lugar a uma das mais florescentes indústrias de Barcelos, que não só honra a cidade, como dá nome a Portugal, chamando turistas, capitalizando-se divisas para a nossa economia.

Concordamos que era um grande «furo» a criação desta indústria, mas nós barcelenses não podemos admitir que nos roubem uma riqueza que nos custou tanto a acumular.



Augusto Martins lançou a público no seu «Diário de Braga», secção que há anos vem dirigindo no grande jornal diário, que é «O Comércio do Porto».

Para a grande parte dos barcelenses, Augusto Martins é um estranho, mas não o será jamais se dissermos que o jornalista Augusto Martins é também barcelense, «nado e criado» nesta Terra de Barcelos, e não admira portanto, que, para além de grande jornalista que é, também quisesse alertar-nos contra uma injustiça que se há-de reparar,

### Várias individualidades reagiram favoravelmente

VÁRIAS INDIVIDUALIDADES REAGIRAM FAVORAVELMENTE, e desde a primeira hora, ao grito lançado pelo nosso camarada, Sr. Augusto Martins, e verberaram enérgicamente contra a possível usurpação dos direitos que nos assistem. Seja-nos permitido destacar entre eles a figura altamente prestigiosa do grande bairrista que é o Senhor Comendador António Maria Santos da Cunha, ilustre Deputado da Nação, grande defensor dos interesses da lavoura e da região que o escolheu para seu digníssimo representante.

Ausente em Lisboa, o Deputado Santos da Cunha mostrou que está sempre presente quando é preciso e nunca deixa de estar atento àquilo que possa interessar ao seu distrito. Por isso mesmo toda a gente do Minho conhece o seu nome, as suas qualidades de grande obreiro que transformou radicalmente a fisionomia da cidade de Braga, hoje uma das melhores de Portugal, o seu porte desempoeirado, a sua personalidade recta e firme, a sua vontade em servir, em bem servir para um distrito maior, mais progressivo e mais humano, ao mesmo tempo que, procurando valorizar uma parcela da lusitania, valorisa indubitavelmente Portugal que tão honrado deve sentir-se por possuir um homem, que se fez por si

e se guindou pelos seus próprios e reais méritos, a uma posição de destaque na vida nacional.

Sempre ao lado daqueles que procuram que se lhes faça justiça, o Senhor Comendador merece a gratidão de todos os

o nosso dedicado colaborador Sr. Simplicio de Sousa. Pelo que mostrou já nestas columnas, ele credita-se como um bom barcelense; pelo que luta pela expansão do nosso Artesanato, ele merecia a gratidão daqueles que hoje ocupam uma posição estável de verdadeiro progresso; pelo seu bairrismo inofensível, pela sua dedicação a este jornal, «O Barcelense» também lhe diz: muito obrigado.

A sua última crónica — «Coisas da Nossa Terra» — teve a actualidade de sermos os primeiros, com exclusão de «O Comércio do Porto», a focarmos este momentoso problema, por isso não podemos deixar de lhe agradecer o incentivo que nos deu para chegarmos a esta reportagem, reportagem que nos levou a entrevistar alguns industriais de olaria do nosso concelho e que, em outro local, damos relevo.

—//—

Igualmente se interessaram pela causa vários organismos corporativos, como o Sindicato dos Empregados do Comércio, que enviou telegrama, Grémio da Lavoura, Comissão Municipal Turismo, Câmara Municipal e Grémio do Comércio de Barcelos. Igualmente temos que o ilustre Deputado por Barcelos Sr. Doutor Nunes de Oliveira enviou para Lisboa vários telegramas de que todavia não obtivemos cópias.

barcelenses em geral, dos bairristas em particular, e de «O Barcelense» que tanto lhe deve e por isso lhe consagra estas linhas que sem dúvida alguma lhe são devidas, não somente pelo que nos fez, mas pelo que luta para que a Barcelos lhe seja feita justiça.

Merece-nos menção honrosa



Barcelos vive horas de incerteza porque não se trata somente da ruína da sua indústria de barros se a criação da grande indústria de artesanato regional for para a frente com a sua montagem em Sintra. Não, o próprio comércio da cidade sentiria bastante o abaixamento do nível daquela gente laboriosa que conquistou um lugar de certo equilíbrio monetário à custa de muitos sacrifícios.

Lutemos, barcelenses, para que não nos seja usurpado um direito. Que o Governo da Nação, à frente do qual se ergue a figura altamente prestigiosa de Salazar, compreenda o drama que vivemos e para o qual



pedimos muita atenção para se evitar a falência do maior concelho do país que vive, uma grande parte, do artesanato de que somos o mais eloquente mostruário de Portugal.

### Entrevista com alguns Industriais de Cerâmica:

Não quisemos deixar de entrevistar algumas pessoas ligadas à indústria de cerâmica, ou mais precisamente, ouvirmos aqueles que mais sofreriam se a tal fábrica de Sintra fosse construída. Mas deixemos os nossos entrevistados falar, para, no final fazermos um quadro do valor da nossa indústria.

Em primeiro lugar quisemos ouvir o Senhor Presidente da Junta de Areias de S. Vicente, o nosso respeitável amigo e grande armazenista de louça comum Sr. António Vasconcelos do Vale, homem nascido no centro oleiro de Areias S. Vicente e portanto conhecedor do que foi e é a vida da gente da sua freguesia.

O seu à vontade, a sua experiência de homem de negócios, o seu dinamismo e o seu bairrismo puseram-se

(Continua na página 3)



porque Augusto Martins atacou cedo e incisivamente o ponto fulcral do assunto. A sua e nossa Terra fica a dever-lhe um grande favor, por isso — obrigado Augusto Martins.

A indústria artesanal barcelense está a passar momentos de autêntico pânico, pois de antemão vislumbra a sua quase ruína se o Governo da Nação autorizar a montagem duma fábrica de artigos artesanais em Sintra, próximo a Lisboa: mais propriamente, a florescente indústria dos barros de Barcelos veria os seus dias contados.

# Manhã é Domingo NOVOS ASSINANTES

Secção dirigida por P. ARTUR

**Pensamento:** «O cristão é todo aquele a quem Deus confiou a salvação de todos os homens».

**Dia 2 de Agosto** — 11.º Dom. d. do Pentecostes. Missa própria com Glória, Credo, e Prefácio da S. S. Trindade. Paramentos de cor verde.

**EVANGELHO**  
(S. Marcos, cap. 7, vers. 31-37)

*Naquele tempo, Jesus deixou a região de Tiro e veio por Sidónia, para o mar da Galileia, passando pela região da Decápole.*

*Trouxeram, então, um surdo-mudo, pedindo que lhe impusesse as mãos. Jesus afastou-se do povo com ele e colocou-lhe os dedos nos ouvidos e saliva sobre a língua. Depois, levantando os olhos ao céu, suspirou e disse: «Abri-vos!»*

*E logo se abriram os ouvidos, desaparecendo a prisão da língua e ele começou a falar correctamente! Jesus ordenou aos assistentes que não contassem nada a ninguém. Mas, quanto mais lhes recomendava, mais eles falavam nisso. Cheios de admiração, exclamavam: «Tudo o que Ele faz é maravilhoso: dá ouvido aos surdos e fala aos mudos!»*

**REFLEXÃO**

Debruçando-nos atentamente sobre o Evangelho de hoje, a nossa atenção prende-se espontaneamente à passagem de Jesus por terras pagãs e à aclamação entusiástica do povo, depois de contemplar, a cura miraculosa: «Bene omnia fecit — fez bem todas as coisas».

1 — Apesar de Jesus vir ao mundo para resgatar e salvar todos os filhos de Deus sem excepção, estava, porém, nos seus designios divinos ocupar os três anos da Sua vida apostólica na catequização dos filhos de Israel — os Judeus — reservando aos Apóstolos e seus continuadores a pregação aos gentios e pagãos de todo o orbe: «ide por todo o mundo» — mundo que não merecia, certamente, que o Senhor o visitasse em Pessoa.

Mas, Jesus é médico. D'Ele, por conseguinte, mais do que ninguém, necessitam os enfermos. Por isso, para algumas dessas cidades pagãs parte hoje Jesus, para lançar a semente nos sulcos da gentildade e mostrar-lhes alguns raios da Sua misericórdia e onnipotência.

Com esta Sua atitude, o Senhor que ensinar-nos que o Apostolado católico não conhece limites nem fronteiras: não exclui classes, nem nacionalismos, nem castas, nem raças. O Sangue do Redentor foi derramado sobre todos os homens: o Apóstolo de Cristo, portanto, por cima das simpatias pessoais, dos vínculos familiares e das doçuras da Pátria, leva a cruz de Cristo e as chamas do Seu Coração até ao último rincão da terra, até à mais imunda choupana onde haja uma alma a salvar.

Que todos... saibamos compreender estas verdades, num período

agitadíssimo do mundo, em que parece tudo se querer fundar e construir sobre divisões, separações e descriminações.

2 — Apenas realizado o milagre da cura, embora N. Senhor ordenasse aos presentes que não o publicassem — provando assim a Sua humildade e modéstia no meio dos mais ressonantes triunfos — contudo a admiração e euforia eram de tal ordem que aquelas gentes pagãs traçaram ao divino Mestre este panegírico tão breve quanto eloquente e sincero: «Fez bem todas as coisas!»

Sim, noutra circunstância, também outros Lhe referiram idênticas palavras: «Pertransiit bene faciendo — passou pela terra a fazer o bem!» Belo epitáfio que todos nós gostaríamos de merecer possuir junto do nosso último leito, no nosso leito de morte!

Fazer bem todas as coisas... síntese maravilhosa de todo um programa de vida! Fazê-las com recta intenção, com espírito sobrenatural, fazê-las com toda a perfeição ainda nos seus menores detalhes, ainda que nos pareçam banalidades e de nenhuma importância.

Tantos pensam o contrário... e, contudo, isto seria capaz de nos sacrificar. Porventura pensará alguém que a santidade não se consegue senão com austeridades espartanas, com prodígios estupendos, com visões, extases e cabeça inclinada? Porventura precisaremos, para ser santos, de nos encerrar num convento ou embrulhar num hábito religioso? Ah! não. Posso santificar-me cumprindo com exactidão os meus deveres de estado qualquer que ele seja e profissionais onde quer que os exerça: santifico-me no meu trabalho, na costura, no estudo; santifico-me fazendo as coisas mais ordinárias com perfeição extraordinária.

Está-se na época de férias! E, com este bellissimo programa, quem não pode passar umas férias alegres? quem não pode, igualmente, passar uma praia alegre e santamente?

Reine a alegria nas vossas férias! alegria sã e não alegria de gargalhadas e de craveira. A autêntica alegria não fica mal em nenhum rosto.

Faze por passares pela rua de cabeça levantada, de modo que ninguém possa pôr um ponto de interrogação à tua passagem: de modo que ninguém, nem sequer o teu Anjo da Guarda, possa deixar, na praia ou na montanha onde tu estiveste, um desses sinais que, por vezes, encontramos em certas estradas: «Aqui, um morto em 1964...» O calor, então, seria para ti um enviado do demónio quando, o que ele deve ser é um enviado de Deus, todos os anos por esta ocasião.

Que, de cada um de nós, todos possam dizer com absoluta certeza: «Faz bem todas as coisas!»

Registamos hoje mais alguns novos assinantes. Congratulamo-nos com o facto pois demonstra que o nosso jornal continua a merecer a confiança do público leitor.

D. Maria Emilia Machado Veloso, desta cidade; António Júlio Miranda Pias, de Areias S. Vicente; José Ilídio Miranda Rodrigues, de V. F. S. Martinho. Carlos Gomes Fernandes Soutelo, de Areias S. Vicente, António Alves Rodrigues, de Arcoselo e Agostinho Azevedo Simões, de Barcelos.

O muito obrigado de «O Barcelense».

## NASCIMENTOS

No hospital da Misericórdia de ram à luz mais as seguintes senhoras:

D. Carminda Ferreira de Sousa, de Barcelinhos; D. Maria Arminda Ferreira Araújo, de Rio Covo Santa Eugénia; Maria Peregrina Gomes Durães, de Barcelos e Valentina Soares de Sousa, de V. F. S. Martinho, todos respectivamente, uma menina.

D. Maria Rosa Duarte Maciel, de Manhente; D. Carolina Ferreira Gonçalves, de Pereira; D. Maria Olinda do Vale Neiva, de Vila Cova; D. Carolina Ferreira Barroso de Faria; D. Júlia Pereira Campinho, de Pereira; Maria Amélia Fonseca da Costa, de Várzea; D. Maria Celeste Macedo Pereira, de Pereira; e D. Cidália Adozinda da Silva, de Barcelos, todos, respectivamente, um menino.

Num quarto particular do mesmo hospital teve o seu «delivrance» a Sr.ª D. Maria Irene Lourenço Coelho, esposa do nosso amigo Sr. Manuel Carvalho, da freguesia de Galegos Santa Maria.

O recém-nascido pesava 3600 gramas.

Os nossos parabéns. Durante este período nasceram 4 raparigas e 9 rapazes.

## CASAMENTO

Na antiga Colegiada Barcelense consorciou-se a Sr.ª D. Maria Emilia da Silva Pereira, filha da Sr.ª D. Joana Rosa da Silva e do Sr. José Joaquim Pereira, com o Sr. Tomás Pimenta Ramião, filha da Sr.ª D. Emilia de Sousa Pimenta e do Sr. Cândido Alves Ramião.

Foram padrinhos dos noivos a Sr.ª D. Maria da Conceição Pimenta Ramião Martins e o Sr. Severino Joaquim Martins, empregado bancário em Braga.

Congratulamo-nos e desejamos ao novo casal muitas felicidades.

## Motorista

Oferece-se com carta de ligeiro, pesado, profissional e muita experiência.

Informa esta redacção.

## NOVIDADE LITERÁRIA

(Prosa e Verso)



(À venda nas melhores LIVRARIAS e PAPELARIAS do País)

## CASA CUNHA

Telefone 82645

DE — Félix Luis da Cunha — CAMPO DA FEIRA — BARCELOS

Vende aos melhores preços toda a qualidade de calçados

(NÃO COMPRE SEM CONSULTAR ESTA CASA)

## Leve para a Praia ou Campo

um rádio que lhe dê:

- Grande selectividade e alta sensibilidade
- Excelente reprodução
- Fácil ligação
- Garantia absoluta

Por isso use

# PHILIPS

na Praia e no Campo

No seu automóvel um Auto-Rádio Popular "Philips,, completamente transistorizado

NÃO COMPRE SEM CONSULTAR A Agência Central PHILIPS

Armando Faria Fernandes

Avenida Combatentes da Grande Guerra BARCELOS



## O Mosteiro de Banho, da Fundação à Ruína

Por Silvestre Matos da Costa

### II Comenda da Ordem de Cristo

#### 1 — A Comenda

É facto sabido que o mosteiro de Banho, em determinado momento da sua história, deixou de pertencer à Congregação que o fundara, transformando-se em Comenda da Ordem Militar de Cristo e reitoria secular.

Naturalmente ocorrerá a qualquer pessoa o desejo de saber do circunstantialismo que determinou esta mudança, dos processos e dos resultados da nova orientação administrativa e religiosa e dos nomes dos seus responsáveis. Utilizando embora escassos instrumentos de informação, alguma coisa se tentará dizer sobre este capítulo.

É a própria Crónica, já por várias vezes referida, que, no seu Livro VI, pág. 330, nos diz o motivo da transformação dos mosteiros em comendas, por estas palavras: «O grande número de mosteiros que havia na Província de Entre Douro e Minho (...) foram causa de os reis e Prelados se queixarem aos Sumos Pontífices que não tinham Igrejas que dar em Comendas aos fidalgos, nem aos clérigos seculares, porque as ordens de S. Bento e de S. Agostinho comiam todo o Entre Douro e Minho. E assim foram alcançando Breves Pontíficos para conversão dos mosteiros em Comendas ou abádias seculares.»

E o mesmo livro, um pouco mais adiante, nos esclarece que «o segundo mosteiro dos nossos cônegos que se uniu às

Comendas da Ordem Militar de Cristo foi o antigo mosteiro de S. Salvador de Banho.»

Dos elementos transcritos nada nos autoriza a concluir sobre o momento histórico em que este facto teve o seu lugar, pois não se indicam nomes nem quaisquer datas que ofereçam uma pista para a competente investigação. No Arquivo Nacional da Torre do Tombo existem muitos códices que pertenceram à chancelaria da Ordem de Cristo. É possível que neles se escondam os dados capazes de esclarecerem esta dúvida, mas a falta de monografias estudadas em face daqueles documentos tornaria muito difícil o trabalho de um simples curioso que neles se fosse lançar à procura destes pormenores. Por isso aqui se recorre — oxalá que com carácter provisório — a uma solução de ordem lógica, que seguidamente se expõe.

Uma observação atenta dos elementos já conhecidos sobre este assunto, permite aventar que a transformação do mosteiro de Banho numa Comenda tenha ocorrido no tempo do reinado de D. Afonso V. São dois os argumentos que oferecem alguma consistência a esta afirmação: 1.º) — D. Jorge da Costa, conhecido por Cardeal de Alpedrinha, recebeu no tempo deste rei, cumulativamente com outros benefícios, o título de prior do mosteiro de Banho, da ordem de S. Agostinho; 2.º) — João Fernandes Pacheco, fidalgo de D. João I (1385-1433), que esteve presente nas batalhas de Trancoso e de Aljubarrota, foi comendador de Banho — já, portanto, na Ordem de Cristo —, e não é natural que tenha sobrevivido ao reinado de D. Afonso V que governou até 1481.

Tudo parece indicar, pelo exposto, que os cônegos de Banho teriam deixado o Mosteiro em meados do século XV; e não deixa de ser também curiosa a citação atrás feita da sua Crónica que, muito embora publicada no ano de 1668, já se refere a Banho como um «antigo mosteiro».

A fase de que agora se trata caracteriza-se por uma nova orientação administrativa e religiosa: a paróquia é confiada a um Reitor, nomeado pelos arcebispos de Braga, ficando as terras a cargo de um Comendador, que recebe as rendas ou os foros em seu proveito, obrigando-se ao pagamento de determinadas importâncias tanto à Ordem de Cristo, de que depende, como à sustentação do Reitor e à manutenção do culto, na Igreja.

Para satisfazer às novas necessidades se promoveram as convenientes adaptações nas casas do Mosteiro: para o pároco ficaram os indispensáveis aposentos e o campo circundante à Igreja, fazendo-se, do mais, a casa de recibo das rendas, as vivendas para o Comendador e pessoal da Comenda, etc. E, como já se disse, o facto foi também assinalado na fachada da Igreja, com a colocação da Cruz de Cristo esculpida em pedra.

Quanto ao pessoal afecto à administração da Comenda, um documento de 1687, existente na Torre do Tombo, fala-nos de um porteiro, e um procurador, não falando já no juiz e no administrador. Não é de crer, no entanto que todos fizessem morada permanente na localidade.

Que bens legaram os frades à Ordem de Cristo? Pergunta a que se não poderá responder em certeza, pois são muitas as referências, sobre o desaparecimento dos livros que deveriam prestar estas informações. E também esta ilustração pouco poderia interessar ao desenvolvimento destas notas. Mas não será ousadia supor que os cônegos regrantes tivessem cedido todo o património que possuíam, pois não se compreenderia que os seus zelos tivessem permitido no seu tempo os abusos de que tanto se lamentam os documentos relativamente às administrações posteriores

(Continua)

## Entrevista com alguns Industriais de Cerâmica

à prova quando lhe dissemos para o que vinhamos.

Então arriscamos a primeira pergunta: Tomou conhecimento do pedido de autorização da montagem de uma fábrica de produtos artesanais em Sintra?

— Como homem dum centro de olaria não podia deixar de tomar conhecimento desse pedido que se for avante porá em situação crítica centenas de pessoas que aqui se dedicam ao negócio dos bonecos de barro ou louça comum vidrada.

Pode dizer-nos, Sr. Vasconcelos do Vale, quais os prejuizos que podem advir da execução deste pedido de autorização?

— Dos prejuizos nem é bom falar, pois seriam quase totais.

A montagem de fábricas de plástico foi o primeiro rude golpe para a olaria da região que sentiu fortemente a quebra de venda e de cerca de 50 fábricas que existiam há 15 anos, hoje existem somente uma dúzia delas.

Quantas pessoas trabalham na indústria, não consideradas industriais? Ou melhor quantas famílias tiram o seu pão do trabalho em barro?

— Na minha freguesia, de que sou Presidente da Junta, talvez que umas 300 famílias vivam da indústria do barro, pois que a lavoura se situa num nível baixo, limitando-se a cultivar para o consumo próprio e nada mais ou quase, com excepção de um ou outro lavrador que ainda se mantém arreado ao campo como os seus antepassados.

O ritmo da construção desenvolveu-se nesta freguesia, com o incremento da indústria?

— Não existe dúvida alguma, senhor Director, todos lucraram com o crescimento e expansão dos barros de Barcelos. Nunca como hoje se construiu nesta freguesia pois até operários fizeram a sua casinha, sem dívida índice do progressivo aumento de nível de vida. São estes mesmos operários protegidos pelo Estado Novo através de protecção à família e Assistência Social.

Qual na sua opinião, Sr. Vasconcelos do Vale, é o melhor meio de defender os barros de Barcelos, nestas contingências?

Naturalmente que o assunto mereceria bastante estudo; para já digo-lhe que talvez uma Cooperativa resolvesse todos os problemas, porque todos os fabricantes estavam inglobados, não havia baixa de preços e existia uma força organizada para lutar pelos nossos direitos. Dentro desta ideia, um grémio distrital não estava descabido, impõe-se também.

Atingidos os nossos objectos, visitamos os grandes armazéns de louça do nosso preclaro amigo Sr. António Vasconcelos do Vale, ficando admirados com a grandeza de tal empreendimento pois vimos dezenas de milhares de peças de porcelana e vidro de quase todas as fábricas do país. Não sendo propriamente um industrial de barros de Barcelos, o Sr. Vasconcelos do Vale honra a cidade pela grandeza da sua indústria.

O nosso segundo entrevistado é o Sr. Agostinho Coelho Gonçalves, gerente da Magrou, uma fábrica já com bastante projecção. A Magrou modela toda a espécie de bonecada, desde o galó de Barcelos ao assobio.

Perguntamos ao Sr. Agostinho Gonçalves se já tinha tomado conhecimento do pedido de montagem.

— Sim, tomei conhecimento. Quais os prejuizos que adviriam?

A meu ver a ruína dos fabricantes de bonecos e da louça vidrada.

Quantas famílias vivem da sua indústria?

— Cerca de 32 famílias, mais 50 que trabalham nas suas casas.

Notou-se desenvolvimento da região com o incremento da indústria?

— Olhe, talvez que entre operários e fornecedores estes construissem à volta de 50 casas, num período de 15 anos. Isto só no que respeita à minha fábrica.

Na última pergunta, relacionada com o melhor meio de defender esta indústria, respondeu-nos o Sr. Coelho Gonçalves:

— Talvez que um organismo corporativo e de coordenação.

Assim terminámos a nossa conversa, porque o assunto está a tornar-se muito extenso e ainda temos mais depoimentos para esta semana.

Para esta semana registamos o depoimento do gerente de «A Galante», o Sr. Joaquim Coelho Maciel, homem dinâmico que está à frente duma nova mas progressiva fábrica de barro.

Tomou conhecimento do pedido para a montagem da fábrica de Sintra?

Ouvi dizer qualquer coisa mas depois li «O Barcelense».

Que prejuizos adviriam dessa autorização?

— Olhe, 50% dos operários teriam de procurar emprego noutro ramo, quer dizer voltava-se ao tempo antigo do roubo de laranjas para comer com pão, agora que tudo caminhava bem ou pelo menos melhor.

Quantas famílias vivem à custa da sua indústria?

— Por volta de 20 famílias.

Nas vizinhanças trabalha muita gente a fabricar bonecos de barro?

— Talvez mais de 300 famílias estejam a modelar para fabricantes!

Quanto ganhavam os operários há 15 anos e quanto tiram agora?

Noutro tempo 15\$00 secos; hoje o menor salário é 39\$60!

Tem-se construído muito na freguesia?

Galegos e Manhente foram as freguesias que mais lucraram com o incremento da indústria do barro. Mais de 200 casas se construíram num período de 10 anos!

Para que países exporta?

— Inglaterra, América, França, Espanha, Suécia, Dinamarca, Canadá, Alemanha, Brasil, Africa do Sul, Bélgica, etc.

O que se impunha criar para protecção desta indústria?

— Um Grémio Distrital! Impõe-se imediatamente a criação local deste organismo para nossa defesa e aumento das possibilidades para pagar mais aos operários.

Muito obrigado Sr. Joaquim Coelho Maciel e felicidade para a sua nova indústria.

Esta primeira série de depoimento vai terminar, mas ficarmos mal se não ouvíssemos as palavras dum «mestre» em olaria. Nesta cidade conversámos com o Sr. João Macedo Correia, homem inteligente e culto que compreende como ninguém os problemas dos barros de Barcelos. Por isso fizemos a primeira pergunta:

Como homem experimentado nestas andanças, que pensa, senhor Macedo, desta espécie de crise que se levantou com o pedido em causa?

Penso que esta crise que agora se levantou é idêntica a outras que surgiram e de que ninguém fez caso, mas mais vale tarde do que nunca. Proibir só esta é pouco, deve proibir-se a reprodução de louça popular de fabrico manual em fábricas mecanizadas. Além disso é indispensável também que se defina o que é a louça regional de Barcelos.

E quem acha, Sr. Macedo Correia, que o deve fazer?

— Naturalmente que o S. N. I e o fundo de Fomento de Exportação pois têm departamentos especializados.

Para protecção da nossa indústria o que seria mais necessário criar-se?

— Sobre este ponto de vista ia para o registro de propriedade industrial, mas ainda sob a orientação do S. N. I. ou doutro organismo especializado que fosse criado, isto para salvaguardar a propriedade de cada um e evitar a concorrência que é a maior desgraça da nossa indústria. E o Grémio?

— Quanto a grémio penso que são os próprios fabricantes locais que o não querem: dizem que querem mas não dão um passo para a sua realização.

Pensa que o grémio é preferível ao Instituto de Artesanato?

— Penso que tanto um como outro resolveriam os problemas, dado que trabalhassem como convém e fossem dirigidos por pessoas que tivessem capacidade para resolver os problemas que surgissem.

A nossa conversa prolongou-se até altas horas e ficámos satisfeitos com o seu teor, pois ficamos a conhecer melhor todos os seus graves problemas.

Prometemos um quadro, mas só o faremos para a semana, com os outros depoimentos. É preferível porque é mais fundamentada a sua elaboração.

## Mais alguns telegramas enviados para Lisboa:

Ex.<sup>mo</sup> Secretário Nacional Informação Cultura Popular e Turismo LISBOA

Câmara Municipal Barcelos sua reunião hoje pede V. Ex.<sup>a</sup> melhores esforços sentido não ser permitido fabrico objectos regionais Fábrica a instalar em Sintra certeza que se atingem profundamente valor artesanal local produto espírito conservador nossa gente apegada à terra, velhos costumes, crenças e adagiários inspiradores confecção características próprias alheias plágios e comercializações.

Presidente Câmara

Excelentíssimo Ministro Economia LISBOA

Câmara Municipal Barcelos sua reunião hoje deliberou solicitar Vossa Excelência providências sentido defesa artesanato local de valor próprio e inconfundível originalidade expressiva nosso povo concretizada arte tradicional impondo-se não seja autorizada instalação fábrica artigos regionais em Sintra não se permitindo abastardamentos arte popular com fundas raízes tradicionais conservando-se autenticidade original valorizada singularidade primitiva idealização e confecção vindas invariavelmente tempos antanho.

Presidente Câmara

Excelentíssimo Ministro Corporações LISBOA

Câmara Municipal Barcelos reunião hoje deliberou solicitar Vossa Excelência melhores esforços sentido ser inteiramente impedido fabrico objectos cunho regional e próprio na Fábrica a instalar em Sintra só possível ignorância significação motivos de concepção peças nosso artesanato tradicional autêntico produto originalidade e sinceridade próprias ruralismo nosso povo.

Presidente Câmara

A Sua Excelência o Senhor Ministro da Economia LISBOA

Excelência Grémio Lavoura Barcelos solicita incoferimento licença instalação em Sintra indústria cerâmica regional pois leva à ruína olaria local.

O Presidente da Direcção Joaquim Furtado Martins

Ex.<sup>mo</sup> Senhor Secretário Nacional da Informação, Cultura Popular e Turismo LISBOA

Acaba de publicar a imprensa diária uma notícia que, em recorte, junto tenho a honra de enviar a V. Ex.<sup>a</sup>. Por ela se verifica que se pretende instalar nos arredores de Sintra uma fábrica cerâmica típica de cada uma das regiões do país, onde ela existe com características que a individualizam e diferenciam uns tipos dos outros.

Não há dúvida que o pedido formulado, a ter despacho favorável, o que não podemos crer, contenderia grandemente com os interesses materiais e morais das gentes desta região que, em regime artesanal, têm contribuído de maneira elevada para o prestígio e desenvolvimento turístico do país, já que os barros de Barcelos, com o seu cunho de ingenuidade artística tão vinçada, têm sido desde há muito escolhidos pelos serviços que V. Ex.<sup>a</sup> tão superiormente dirige para ex-libris de Portugal no estrangeiro.

Em nome pois, dos altos valores em causa, em risco de se subverterem, peço a V. Ex.<sup>a</sup> se digne usar dos meios, em boa hora depositados nas mãos de V. Ex.<sup>a</sup> a fim de se evitar a consumação dum facto que, a verificar-se, causará a maior e mais injusta perturbação na pequena economia de certas regiões do país, nomeadamente Barcelos, terra de artistas e de boas gentes, terra que muito dá e pouco recebe, mas que anseia e espera ver-se compreendida.

V. Ex.<sup>a</sup> pugnará, estamos certos, a bem do Turismo português, pela criação das condições, que o mesmo é dizer, da legislação adequada, que impeça definitiva e decisivamente que as obras artísticas e de fabricação duma zona artesanal, sejam aproveitadas para cópia e fabrico em série das suas reproduções, noutras zonas distantes, num desrespeito imoral pelos criadores de peças de arte, que não é, e muito bem, possível no sector industrial, onde existem eficazes disposições legais que a isso obstam.

Certos da influência decisiva de V. Ex.<sup>a</sup> na defesa dos interesses nacionais agora em jogo, solicitamos a atenção para tão momentoso problema e pedimos a V. Ex.<sup>a</sup> seja intérprete junto de Sua Excelência o Senhor Subsecretário de Estado da Presidência do Conselho, do receto, Deus queira que infundado, da Comissão de Turismo de Barcelos. Com os mais respeitosos cumprimentos.

A BEM DA NAÇÃO

Pela Comissão Municipal de Turismo de Barcelos:

O Presidente, Mário Fernando Cerqueira Correia (Dr.)

## NASCIMENTOS

Na sua residência, teve uma menina a Sr.<sup>a</sup> D. Palmira de Barros Mendes, esposa do nosso amigo Sr. António Figueiredo Mendes.

## O QUE SERÁ

MAIFA

?

## Coisas da Nossa Terra

Por SIMPLÍCIO DE SOUSA

Foi tornado público o desejo de determinados senhores tentarem montar na linda vila de Sintra uma fábrica de cerâmica e outros artigos regionais que se fabricam nas mais diversas terras do país.

Na verdade aquela que mais directamente seria atingida, era a nossa terra, a zona dos barros que se estende pelas margens do Cávado até Prado, e onde mourejam alguns milhares de obreiros artesanais.

A ideia não deixa de ter lógica, e o furo comercial, era em cheio. A nova sociedade poucas dificuldades apareceriam dado que por certo só fabricariam aquilo que mais expansão tem e que mais facilmente era exportado.

E lá se iam os nossos Galos: sim os Galos que hoje são ainda de Barcelos, seriam dentro de pouco, barros de Portugal, e só aqueles que são amantes do torrão natal, é que continuariam a chamar-lhes «galos de Barcelos»!

Verdade seja que os nossos artesãos, na ânsia criadora que possuem, já vão fabricando galos, que serão de toda a parte, mas nunca os característicos Galos de Barcelos, até porque lhes chamam já, «galos pavões» Galos estilizados etc., etc.

Ora com esta variedade, a característica típica dos tradicionais galos de Barcelos, vai desaparecendo, dando aso a que outros vão fazendo outros galos, que desvirtuam aqueles que são nossos.

E quem fala em galos, fala na policromia da nossa bonecada. Há-os que são tipicamente barcelenses e há-os que são cópias de figuras de outras regiões. O nosso oleiro além de bom idealizador, é também um sagaz «copiador».

Peça que veja ter saída, záz, gesso em cima, e logo com pequena alteração aparece no mercado muito mais barata, e não menos apresentável.

E porque deste mister vive muitas centenas de pessoas, aqueles Senhores que em Sintra desejam montar a tal fábrica, viram em tudo isto uma óptima oportunidade em ganhar rios de dinheiro, industrializando e mecanizando aquilo que em Barcelos, ainda se faz à mão.

Falando recentemente com alguns oleiros, diziam eles, que na verdade se tal fábrica for montada, o despedimento de operários será certo, o nível de vida baixará, mas o que nunca se deixará, é de continuar a fazer bonecos. A indústria caseira, será mais desenvolvida, pois trabalhariam horas sem fio, o produto será todavia pior, para fazer muito, para poderem viver.

Ora, é tudo isto que é preciso evitar: o povo não pode voltar para trás. Temos de desenvolver o artesanato é verdade, mas temos sobre tudo de defender as indústrias montadas que têm muitas dezenas de operários a trabalhar, com salários já bastante compensadores, com protecção através das Caixas, com reformas etc, etc.

A indústria que se pretende montar em Sintra, há-de visar mais o mercado estrangeiro que propriamente o da metrópole. E se tal se desse, podem os queridos leitores ter a certeza de que muitos milhares de contos deixariam de entrar nesta terra.

Nem vale a pena pensar na tremenda catástrofe que daí adviria.

Eu creio que tudo isto se tornaria de solução fácil se o Governo, por intermédio dos Ministérios da Economia, Finanças e Corporações pusessem em movimento o preconizado Instituto Nacional de Artesanato.

Este com activo funcionamento demarcaria zona de protecção artesanal, e estabeleceria, por certo, a protecção adequada aos interesses de cada região, proibindo a execução de trabalhos que pertencem a determinadas zonas e que, com o aparecimento do mesmo artigo noutras, só serve para desvirtuar a obra, e entrar em franca concorrência.

Se o Instituto em franca colaboração com o Fundo do Fomento de Exportação criasse depósitos e zonas de compras de peças artesanais, esta actividade seria desenvolvida e só fabricadas nas zonas próprias. Cremos com isto dizer que se o Instituto estivesse criado e tivesse como não pode vir a deixar de ter, um mostruário de tudo que fosse artesanato e devidamente referenciado por zonas, distritos e terras, fácil era a defesa artesanal de cada zona. Se assim fosse, não se dava o caso de agora se tentar montar uma indústria em Sintra, que naquelas circunstâncias se não verificaria. Poderíamos ver, quando muito, que em vez de tentar montar a indústria em região deslocada quanto ao artigo, a viessem montar na zona própria, no centro artesanal do produto que desejasse explorar, pelo que a terra só viria a lucrar.

O Instituto e o Fundo de Fomento, tem larga missão a cumprir dentro da economia nacional Grande parte do nosso artesanato não está mais desenvolvido, unicamente por carência financeira. O artesão faz determinada peça, e só fabrica outra depois de vender aquela. Ora com um centro de recolha, o artesão fabricava e vendia ao Centro, e podia logo começar com outra peça, pois sabia de antemão que o seu trabalho estava compensado pela venda certa. Não quero com isto dizer que o artesão não pudesse vender os seus produtos ao «passante», que melhor lhes pagaria. Queremos apenas referir que o Centro era uma garantia para a aquisição do seu produto.

Que as autoridades responsáveis, saibam a tempo ver o perigo que nos ameaça, empregando todos os seus esforços na defesa do nosso inculco trabalhador, defendendo-o, já que ele não sabe ou não pode fazê-lo.

E por loje fiquemos por aqui.

## ADEGAS

Tubos para bombas de trasfegas.

Torneiras e todos os acessórios para trasfegas.

Vende a CASA SIALAL BARCELOS

## DE VIAGEM

Em viagem de recreio encontra-se no sul o nosso estimado amigo Sr. Augusto Dias Fimenta digno encarregado da secção de composição da Companhia Editora do Minho, desta cidade.

Boa viagem e feliz regresso.

## BATATA

Contra o grelamento da Batata aplique TOPAM.

O melhor antibulhante. Vende a CASA SIALAL BARCELOS

## VENDE-SE

Carrinha de carga em estado de nova, com capacidade até 1.500 Kg. Quem pretender, dirigir-se à Gargem Castro — Barcelos.

VALE LIMA MÉDICO

Telefone 82737

Consultas às Segundas, Quintas e Sábados AS 9 HORAS

Av. Dr. Oliveira Salazar, 70

BARCELOS



**EXTERNATO ALCAIDES DE FARIA**  
(SEXO FEMININO)

CURSO LICEAL—1.º e 2.º Ciclos

Matrículas de 1 a 12 de Setembro

Telefone 82346 — BARCELOS

**FRIGORÍFICOS**

— NÃO COMPRE SEM CONSULTAR —

**ARMINDO SILVA**

Av. Dr. Oliveira Salazar (Junto ao Senhor da Cruz)  
Telef. 82708 — BARCELOS

— UMA CASA PARA O BEM SERVIR —

**CONSTRUARTE BARCELENSE**

DE

**António Lopes Monteiro**

Projectos — construções civis—aglomerados de madeiras.  
Oficinas mecânicas e armazéns de materiais em **Arcozelo**

Escritório: Av. Dr. Oliveira Salazar, 23 — Tel 82455  
Residência e Oficinas — Tel. 82611

**BARCELOS**

**CAFÉ 1.º DE MAIO**

Completamente remodelado reabriu na PRAIA DE APÚLIA

**Insuperável Serviço de Mesa — Instalações confortáveis — Preços económicos**

APÚLIA TELEFONE 89488 ESPOSENDE

**O MELHOR CAFÉ É O DA**

*Cafezeira de Barcelos*

A casa que dispõe do maior e mais completo sortido em artigos de

**MERCEARIA FINA**

**CAMISAS CUECAS**  
**CAMISSETAS PIJAMAS**

**Confecções «Barcélia»**

Telefone 82784

Rua D. Diogo Pinheiro, 43  
Campo Camilo Castelo Branco

**BARCELOS (PORTUGAL)**

**Dactilógrafo e Empregados de armazém**

Admitem-se, devidamente habilitados, na firma Eugénio Pinheiro, de Viana do Castelo, livres do serviço militar.

**MOSCAS**

Cartões Mata Moscas «NEOCID» a 1\$50.  
NEOCID BOMBA e todos os insecticidas para uso caseiro.

Vende a **CASA SIALAL BARCELOS**

**Laurinda Vieira**  
PARTEIRA-ENFERMEIRA — DIPLOMADA —

Partos, Injecções, Tratamentos

Av. dos Combatentes da Grande Guerra, 172

Telef. 82485 — BARCELOS

**Rapaz — Precisa-se**

Loja de fazendas desta cidade necessita dum rapaz, com idade de 12 a 14 anos, para balcão.

Informa esta Redacção.

**AVES e ANIMAIS**

Produtos «Vouga Protector»

Bi-con 3+3 com Terramicina e Vitamina B12.  
Aurofac 2-A, com Auromicina e Vitamina B12 e todos os suplementos para a alimentação de aves e animais.

Vende a **CASA SIALAL BARCELOS**

**ALTO-FALANTES**  
**CASA SOUCASAUX**

Telefone 82345

Fotografias, Rádios, Óculos, Artigos fotograficos, etc.

**BARCELOS**

**VENDA DE FLORES E PLANTAS**

No horto Municipal, sito na cidade de Barcelos, vendem-se plantas e flores próprias para cada época.

**VINHOS**

Ácidos Cítricos; Tartáricos; Metabissulfitos de potássio; SOLUÇÃO SULFUROSA e todos os produtos enológicos.

A venda na **CASA SIALAL BARCELOS**

**PRÉDIO**

Em Vila Seca, vende-se um bom prédio para habitação, com luz eléctrica, terreno de lavradio, com ramadas, e a pouca distância da estrada nacional Barcelos-Póvoa.

Informa nesta Redacção.

**ENTULHO — ACEITA-SE**

FABRICA CERÂMICA DE BARCELOS  
Largo da Estação

**Na Franqueira**

A marcação de lugares para o dia da Peregrinação, é feita amanhã, Domingo dia 2 pelas 10 horas.

**CEBOLA**

Contra o grelamento da cebola aplique 3 semanas antes do arranque.

**MALAZIDE**

A venda na **CASA SIALAL BARCELOS**

**À Lavoura**

Oferece-se para a lavoura, com prática de todos os serviços da mesma, homem experimentado.

Informa esta Redacção.

**RAPAZ PRECISA-SE**

Precisa-se de rapaz, com a idade dos 12 aos 14 anos, para mercearia e vinhos.

Informa esta redacção.

**Vende-se**

Na QUINTA DO OLIVAL vendem-se três lotes de terreno, um a confrontar com a estrada nacional de Viana e dois junto ao posto da Sacor.

Informa: José António Pereira — S. João de Vila Boa.

**BOLETIM SEMANAL**

Farmácias de Serviço durante a semana. Amanhã, Domingo:

**FARMÁCIA OLIVEIRA**  
Av. Combatentes da Grande Guerra

Segunda — Farmácia Pacheco  
Terça — Farmácia Antero de Faria  
Quarta — A Minha Farmácia  
Quinta — Farmácia Central  
Sexta — Farmácia Lamela  
Sábado — Farmácia Oliveira

**MERCADO**

Os preços médios dos produtos transaccionados na Feira Semanal foram:

Batatas, arroba	14\$00
Ovos, dúzia	12\$50
Feijão branco, arroba	58\$00
» molcero,	48\$00
» branco manteigueiro	96\$00
Frangos, par	70\$00
Galinhas, »	60\$00
Milho	30\$00
Centeio,	32\$00

**MISSAS**

**Matriz:** às 7, 9, 11 e 19 horas aos domingos; às 7,30 horas dias da semana.

**Santo António:** às 6,30, 8, 9,30 e 12 horas, ao domingo; às 7 e 8 horas nos dias úteis.

A missa das 9,30 é especialmente para a Catequese.

**Terço:** às 7,30 ao domingo; às 7 nos dias úteis.

**Hospital:** às 7 e 10 horas ao domingo; às 7 horas nos dias úteis, excepto às quintas que é às 6 horas.

**Senhor da Cruz:** às 9 horas todos os dias, e ao domingo também às 12 horas.

**S. José:** às 9,30 todos os dias úteis.

**Recolhimento:** às 7 e às 9 horas, todos os dias úteis; tem Bencção do S. S. todos os dias às 11 horas.

**Imposto de Compensação**

Até ao dia 16 do corrente está em pagamento este imposto.

Relaxe do imposto: se o dia 1 ou 16 for domingo ou feriado, o relaxe efectua-se no dia imediato.

**Contribuição Predial**

Isenção para os prédios novos, reconstruídos, ampliados ou melhorados —deverá ser pedida dentro de 90 dias contados da passagem da respectiva licença de habitação, devendo ser juntos a licença de habitação e os documentos comprovativos dos arrendamentos, se o prédio estiver arrendado.

**Automóveis de aluguer sem condutor**  
devidamente legalizados para o País e estrangeiro

**SIMCA 100—VOLKSVAGEN e outras marcas**

**NECO**

Rua Costa Cabral, n.º 14 a 18 — PORTO  
Telefones — 42995 e 45459

**Detergente Inglês**  
**STERILEX**

Lava — Desengordura — Descora

A venda nos estabelecimentos

**AVISO**

O Comandante do Posto da P. S. P. desta cidade, pede a detenção dum indivíduo que costuma introduzir-se, em pleno dia, nos prédios com porta aberta para a rua, principalmente às quintas-feiras.

Trata-se dum gatuno especialista em furtos de jóias, que, quando encontra alguém, apresenta facilmente uma desculpa, de forma a não deixar suspeitas da sua actividade.

**SEMENTES**

Hortícolas; Forraginosas e de Jardim.

Vende a **CASA SIALAL BARCELOS**

**CASA**

Vende-se na Rua Gomes Freire a casa com os n.ºs 37 e 39; tem quintal e é de dois pavimentos.

Informa esta Redacção.

**Caseiro**

Precisa-se de um caseiro, para quinta nos arredores desta cidade.

Informa esta Redacção.

**Bombas de Tráslega**  
«HIPÓLITO» e outras marcas.

Preços desde 550\$00.

A venda na **CASA SIALAL BARCELOS**

**A Z E V É M**

A 3\$20 o quilo (passado ao Limpador) compra, **MANUEL F. ARANTES** Armazém de Cereais — Telef., 82635

**BARCELOS**

**Caseiro**

Admite-se em boa quinta de rendimentos certos, pessoa trabalhadora e com as melhores referências.

Falar Drogaria Avenida — Avenida C. da Grande Guerra, 64-66.

**FIXE BEM ESTA MARCA**  
**MAFA**

**Máquinas Agrícolas**

Moinhos de martelos; Descaroladores; Esmagadores de Uvas, etc.

VENDE A **CASA SIALAL BARCELOS**

Anúncio publicado em «O Barcelense» no n.º 2776 de 1 de Agosto de 1964.

Anúncio publicado em «O Barcelense» no n.º 2776 de 4 de Agosto de 1964.

TRIBUNAL JUDICIAL DE BARCELOS

TRIBUNAL JUDICIAL DE BARCELOS

(Secretaria)

(Secretaria)

ANUNCIO

ARREMATACÃO

1.ª Publicação

1.ª Publicação

Faz-se saber que foi designado o dia 8 de Outubro próximo, pelas 10 horas, neste Tribunal, para a arrematação, em hasta pública e em 1.ª praça, dos imóveis adiante indicados, pertencentes aos autores e reus nos autos de acção especial de divisão de coisa comum que Jorge Henrique de Carvalho de Campos e mulher, D. Maria Adelaide Lobarinhos e Silva Campos, da freguesia de Várzea, desta comarca, movem contra os réus Júlio Vicente Monteiro Nunes dos Santos, de 15 anos e outro, residentes em Lisboa, representados por sua mãe D. Maria Antonina da Silva Monteiro, viúva, da Rua sessenta e dois, n.º 86, Espinho-Feira, os quais serão entregues a quem maior lance oferecer acima do que vai indicado, valor matricial por que vão à praça:

Para os devidos efeitos se faz saber que no dia 8 de Outubro próximo pelas 10 h. no Tribunal Judicial desta comarca e na carta precatória vinda da comarca de Braga, extraída da execução de sentença que Corais & Irmão, sociedade comercial, com sede na Avenida Central, da cidade de Braga, move contra Cândido Joaquim Simões Loureiro e mulher Benedita de Jesus Ferreira, da freguesia de Martim, desta comarca, não-de ser postos em primeira praça, para serem arrematados ao maior lance oferecido, acima do valor indicado, os seguintes prédios apreendidos aos executantes:

1.º

Casa térrea e eirado, sita no lugar do Outeiro, freguesia da Pousa, desta comarca, inscrita na matriz urbana sob o art.º 35 e na matriz rústica sob os art.ºº 983 e 984 e descrita na Conservatória do Registo Predial no livro B-35, sob o n.º 13.062, e que entra em praça pela quantia de 11.136\$00.

2.º

Casas torres e eirado, sitas no lugar de Pomares, freguesia de Martim, desta comarca, inscrito na matriz urbana sob o art.º 143 e na matriz rústica sob o art. 305 e descrito na Conservatória do Registo Predial no livro B-103, sob o n.º 39.672 e que entra em praça pela quantia de 5.658\$00.

3.º

Casa torre e eirado, sita no lugar de Carcova de Cima, freguesia de Martim, desta comarca, inscrita na matriz urbana sob o art.º 7 e na matriz rústica sob os art.ºº 992, 993 e 994 e descrito na Conservatória do Registo Predial no livro B-134, sob o n.º 51.973, e que entra em praça pela quantia de 15.564\$00.

4.º

Campo de lavradio e mato, sito no lugar de Carcova de Cima, freguesia de Martim, desta comarca, inscrito na matriz rústica sob os art.ºº 956, 957 e 958 e descrito na Conservatória do Registo Predial no livro B-134 sob o n.º 51.974, e que entra em praça pela quantia de 2.520\$00.

As despesas da praça e a sisa respectiva ficam a cargo do arrematante, que no acto depositará 10 % do preço da arrematação e as custas respectivas. Barcelos, 23 de Julho de 1964

O Escrivão de Direito, da 1.ª Secção,

Aires Augusto da Silva

O JUIZ DE DIREITO João Carlos Afonso da Rocha

Se hesita na escolha da carreira, consulte

**F. Machado**

ORIENTAÇÃO ESCOLAR E PROFISSIONAL

Rua Augusto Gil, 70, r/c Dt.

PORTO

**Motores a petróleo italianos LOMBARDINI de 4-7,5 e 9 HP**

Os mais económicos e resistentes que andam no mercado

Não vos esqueçais de comprar um motor

**LOMBARDINI**

Agentes exclusivos a norte do Rio Tejo:

**CORRÊA & CARDOSO**

Telefone 82442

BARCELOS

**Marcenaria e Carpintaria**

DE

*Florindo Martins & Filhos*

- ◆ Deseja os seus móveis executados com rapidez e perfeição?
- ◆ Pretende os seus trabalhos de construção civil no mais curto espaço de tempo?

Não os mande executar sem primeiro consultar ou pedir orçamentos a esta acreditada Firma.

Temos a certeza de que será mais um dos nossos já muitos clientes.

PREÇOS CONVIVATIVOS

Lugar de Paço Velho

V. F. S. PEDRO

**MÓVEIS TELES MAIS BONITOS MAIS BARATOS ELHOR SORTIDO**

Todo o género de colchoaria, Maples e Sofás-camas.

Divãs de ferro articulado e Mobiliário metálico.

Tapetes, Carpetes e Alfombras.

TELEFONE 82453

CAMPO DA FEIRA

BARCELOS

**Café-Bar**

**ARCO-ÍRIS**

Visite este novo estabelecimento e prove o seu delicioso Café que o fará ser mais um cliente habitual.

ESMERADO SERVIÇO DE BAR

**Café-Bar ARCO-ÍRIS**

Avenida Combatentes da Grande Guerra (junto à Igreja de Santo António)

**AM-63**

Um insecticida SCHERING

CONTINUA A SER PREFERIDO POR MILHARES DE CONSUMIDORES, POIS É INCONTES-TÁVELMENTE O MELHOR CONTRA TODAS AS espécies de parasitas do homem e animais domésticos. (ESPECIALMENTE ESTUDADO CONTRA AS pulgas).

À venda em BARCELOS

na DROGARIA AVENIDA

AV. COMB. DA GRANDE GUERRA, 66 - Telef 82430

DESCONTOS AOS REVENDADORES

**PELO CONCELHO**

Vila Cova

FALECIMENTO

Em Vila Cova, faleceu segunda-feira, dia 27 de Julho, o Sr. José Silvestre da Costa, viúvo, de 72 anos, residente no lugar de Mereces da mesma freguesia, de onde era natural.

O extinto, era pai de Albertina da Conceição, Maria, Firmino, Maria Angelina, Silvestre, nosso pre-sado colaborador e assinante, Albino e Maria Arminda Matos da Costa.

A família dorida, e muito em especial ao Sr. Silvestre Matos da Costa, os nossos sentidos pêsames.

Vila F. S. Martinho

FESTAS DE S. JOÃO

As festas de S. João este ano realizaram-se em S. Martinho, no lugar de Casal de Nil, tiveram a seguinte receita e despesa:

Peditório e receitas extraordinárias .....	3.216\$70
Despesas totais com os festejos .....	2.301\$40
Saldo .....	915\$30

Vários anónimos deram a quantia de 84\$70 que junta ao saldo pre-faz 1.000\$00, verba que foi entregue ao Reverendo Pároco da Freguesia para as obras da nova igreja paro-quial.

COMUNHÕES

Realizou-se, num dos últimos do-mingos, a Primeira Comunhão das criancinhas desta freguesia que ti-veram assim um dia grande, o maior da sua vida, depois do baptismo.

Foi celebrante o Rev.º pároco da freguesia que no momento próprio dirigiu às criancinhas sentidas pa-lavras de encorajamento a fim de se manterem sempre na graça do Senhor para vencer as tentações.

Lijó

FESTAS DE LIJÓ

Nos dias 14 e 15 de Agosto

Na encantadora freguesia de Lijó, de fidalgas tradições, realizar-se-ão nos próximos dias 14 e 15 de Agosto as grandiosas festividades em honra da Senhora da Assunção, padroeira desta Terra.

Festas em que gastam perto de 14 contos, costumam atrair a Lijó milhares de forasteiros que sempre ficam maravilhados com o seu pro-grama.

A gente laboriosa desta terra já trabalha afanosamente para que as festividades deste ano não fiquem aquém dos anos anteriores. E temos por certo de que não ficarão, pois todos os habitantes de Lijó lutam por maior brilhantismo das suas festas principais.

O programa será o seguinte:

DIA 14 — Ao romper da alvorada iniciará o seu programa uma cabine de som.

7 horas — Comunhão das crianças que recebem o Senhor dos Céus e da Terra pela vez primeira.

16 horas — entrarão duas afa-madas bandas de música.

À NOITE — Arraijal nocturno e fogo de ar por pirotécnicos de no-eada.

DIA 15 — Ao romper da aurora: Salva de 21 tiros.

8,30 horas — Comunhão Solene.

11 horas — Missa Solene.

17 horas — Sermão por um dis-tinto orador Sagrado.

18 horas — da Igreja paroquial sairá a Tradicional e MAJESTOSA PRO-CISSÃO onde serão incorporados muitos andores e dezenas de figu-rados.

Homens de Fé, homens piedosos, homens com todas as letras, dese-jais ver uma maravilha? Vinde a Lijó.

Todos, todos a Lijó, para pedir à Senhora da Assunção asas para voar ao Céu.

V. J.

**CÉSAR CARDOSO**

ADVOGADO

Largo D. António Barroso, 9 BARCELOS

**CASA**

Aluga-se uma casa na Rua Elias Garcia, n.º 15-1.º andar. Tem quintal.

IMÓVEIS A PRACEAR

1.º — Casa torre, com ter-re-no de horta e vinho, no lugar da Estrada, freguesia de Várzea, inscrita na matriz urbana no art.º 5 e na rús-tica nos art.ºº 344 e 346 e descrita na Conservatória res-pectiva sob os n.ºº 54.531 e 66.576, respectivamente nos L.ºº B-140 e B-168, com o valor matricial, por que vai à praça, de . . . 18.774\$00

2.º — Leira da Torga de Cima, a mato, no lugar das Torgas, mesma freguesia de Várzea, inscrita na matriz sob o art.º 431 e descrita na mesma conservatória sob o n.º 54.537 do L.º B-140, com o valor matricial, por que vai à praça, de . . . 180\$00

3.º — Leira das Torgas, a mato, no mesmo lugar das Torgas da dita freguesia de Várzea, inscrita na matriz no art.º 436 e descrita na Con-servatória no n.º 18.721, no L.º B-49, com o valor ma-tricial, por que vai à praça de . . . 480\$00

4.º — Bouça de Mato, no lugar de Bouças do Pinhei-ral, mesma freguesia de Vár-zea, inscrita na matriz sob o art.º 437 e descrito na Conservatória respectiva sob o n.º 81.631 do L.º B-206, com o valor matricial corri-gido, por que vai à praça, de . . . 180\$00. Barcelos, 21 de Julho de 1964. O Escrivão de Direito,

(a) Joaquim Pinto Coelho

Verifiquei,

O JUIZ DE DIREITO, João Carlos Afonso da Rocha

O solicitador

Armindo Miranda

**As Carpintarias**

Vende-se uma máquina de Car-pintaria tipo «tupia».

Informa João Baptista Gonçalves Anjo, em Areias S. Vicente.

## VINHO VERDE

IV

## Um Sonho Grosseiro

Pode ter causado estranheza a sugestão de se exportar vinho em navios tanques apropriados, tal como se pratica com os combustíveis líquidos.

Prescindindo dos problemas de ordem técnica, que têm solução, poderiam vir os de ordem económica que também se não afiguram impraticáveis nem ruinosos. Dado que a mercadoria se pudesse transportar sem alteração sensível da sua genuidade — e pode, exportando os vinhos melhores e mais bem fabricados, como os das Adeegas Corporativas e das grandes casas vinhateiras, ainda que fosse preciso tratá-los ou melhorá-los como mesmo por cá vai sendo preciso e de uso — teríamos um escoadouro do nosso excedente, escoadouro capaz de equilibrar e até muito beneficiar aqueles 40% de portugueses que abastecem de víveres os restantes 60%.

Ainda temos os problemas do mercado. Talvez mais complexos, por isso mesmo nos despertariam do sonho se não nos lembrássemos do nosso ultramar onde o vinho tem procura, tanto por parte dos nativos como dos lá radicados. Mas não, evidentemente, com os preços actualmente praticados.

Vem-nos à ideia outros mercados internacionais, por trocas, em que os importadores fossem simultaneamente exportadores, adquirindo, mas, naturalmente exportando excedentes nossos, como podia ter acontecido na batata, no arroz e até no milho cuja infeliz carência metropolitana poderia ter sido atenuada com sobranças na ocasião-vinho, exactamente, que o tínhamos em abundância.

Ora, vamos supor um negócio, deixando a cada um a correcção ligeira de possíveis coeficientes. Calculemos a viagem dum navio tanque transportando 15 mil toneladas de vinho. Vamos pôr primeiro a despesa provável, em seis viagens que faria ao ano, num total de 90 mil toneladas ou sejam 180 mil pipas:

Pagando à lavoura 3\$00 por litro (muito bom) beneficiaria esta de	270 mil contos
Tirando o armador para transporte e várias 1\$00 em litro...	90 » »
Impostos ao Estado e seus organismos .....	12 » »
Despesas de embarque e desembarque .....	12 » »
Lucros a particulares, cá e lá...	6 » »
Fundo de perdas e riscos .....	6 » »
Juro do capital a 6% .....	18 » »
Amortização .....	56 » »
Dava um total de	470 » »

Calculemos agora a receita, também anual.

Aquelas 180 mil pipas dariam para a despesa se se pudesse vender

no consumidor cada litro a 5\$30, já que feita a conta teríamos 447 mil contos. Ainda sairia mais barato que a cerveja que se faz com água.

E, por cerveja, estamos-nos a lembrar duma grande unidade produtora a erguer cá no Norte, cujo custo parece ser de uns 200 mil contos, e com destino à exportação. Não lhe queremos mal por isso. Mas, se copiássemos dela os moldes de fabrico e de exportação? O fabrico, ou melhor, a montagem da unidade fabril consistiria apenas na compra do navio tanque que, se andasse pelos 300 mil contos (e podia custar muito mais que para o pagar era questão de alargar os prazos de amortização) seria pago em seis anos. Quanto à exportação não deve diferir muito doutra bebida — o vinho.

A saída anual de 180 mil pipas de vinho deixaria-nos mais à vontade para consumir o que nos ficasse, constituindo, talvez, mercado garantido para as existências das Adeegas Corporativas. Então veríamos o velho tronco da lavoura florir, teríamos progresso, festa e alegria em sua volta pela solução parcial dos maiores problemas. Seria o caminho aberto para a corporização do seguro rural, do abono a todas as famílias e da reforma a todos os inválidos do campo.

Claro que, neste tão violento generalizar, não incluímos taxas, já praticadas, que teriam de ser banidas, sob pena de, no caso contrário, acordarmos na crise actual que sonhávamos ver debelada.

Cosme do Vale

## Homenagem a uma Mãe Barcelense

Imposição da Medalha de Ouro à Sr.<sup>a</sup> D. Joaquina de M. Esteves de Cossourado.

A freguesia de Cossourado viveu dia de gala com a imposição da medalha de Ouro à Sr.<sup>a</sup> D. Joaquina de Melo Esteves, mãe de quatro sacerdotes, e que por isso mesmo foi condecorada.

À cerimónia compareceram várias individualidades do distrito, estando Barcelos representado pelo seu digno Vice-Presidente da Câmara, Senhor Dr. Victor Marques Junior que no momento de brindes felicitou aquela mãe extremosa que ciente das suas responsabilidades cristãs encaminhou quatro filhos para padres da Igreja de Cristo.

Fez a imposição da medalha o Sr. Cônego Martins Gonçalves que representava Sua Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>a</sup> o Senhor Arcebispo Primás, estando presente, ainda, a Sr.<sup>a</sup> Professora D. Rosa do Carmo Simões que ensinou os 4 sacerdotes.

## PRESENÇA

Tudo me diz de ti, tudo me fala  
Com sombrias palavras dolorosas;  
E entre as quatro paredes desta sala  
Escuto ainda falas misteriosas...

E sinto uma vontade de beijá-la,  
A essa voz de ouro, que me sabe a rosas...  
E essa voz que me grita e que se cala  
É uma prece de lágrimas piedosas!...

Neste silêncio em que me encontro, Irmã  
(Só agora sei que esta palavra é linda...)  
Apareces-me — e em mim surge a manhã:

Que esse murmúrio espiritual, baixinho,  
É como a ave que procura ainda  
O embalo doce do primeiro ninho!...

A. Garibaldi

## Barcelos teve também os seus mortos no grave desastre ocorrido no último domingo na linha ferroviária Póvoa-Porto

Portugal inteiro ficou abalado com o terrível desastre ferroviário ocorrido no último domingo, na linha Póvoa-Porto e em que pereceram 92 pessoas, entre as quais algumas de Barcelos, que por isso mesmo também está de luto.

Na fatídica ocorrência morreram dois jovens que frequentavam o curso de oficiais milicianos em Braga, os Srs. José de Oliveira Novais e Manuel de Araújo Campos, aquele de Grimancelos e este de Negreiros; ainda faleceram o alferes Meliciano da Força Aérea, Sr. Florentino de Aguiar Leitão de Gondifelos e os soldados Joaquim Ferreira da Costa de Macieira de Rates e Manuel da Silva Carvalho, de Negreiros.

Os funerais das inditosas vítimas deste brutal desastre realizaram-se durante a semana, sendo as urnas transportadas em pronto-socorros dos Bombeiros de Barcelos e Barcelinhos. Nas freguesias donde os mortos eram naturais realizaram-se movimentados funerais e a dor que aqueles familiares e conterrâneos mostravam, dizia bem quanto os impressionou este brutal desastre.

A todos os familiares enlutados «O Barcelense» envia o seu cartão de pesar e pede a todos os seus leitores uma oração por todos os mortos deste desastre.

Encontram-se ainda hospitalizados no hospital Militar o Sr. Miguel de Oliveira Novais, cadete do E. P. I., em Mafra e o soldado Sr. Luís da Silva Ferreira, ambos de Negreiros.

## PEQUENOS ENSAIOS LIVRES

## «OS NICHOS»

Por: CELSO CUNHA

Ao volver as cortinas da minha janela, debruçada nos cenários luminosos e poéticos da cenografia minhota, eu quero dialogar com o invisível que espiritualmente sente e vive dentro do mesmo edénico clima, nestes pequenos ensaios, esbatidos na romântica e poética região em que nascemos.

É precisamente no exílio da vida real que encontramos os recônditos de uma fé feérica, e com ela adornamos as noites cupuladas de visão literária.

Esqueçamos as ilusões de outrora, abstinemo-nos da agrura da vida tão dolorosa nestas últimas décadas e revivamos o entusiasmo simples de um privilégio que DEUS felizmente nos legou: o «Amor» e a «Felicidade». Sem estas duas realidades não podemos continuar porque a caminhada é dura e o sol agreste.

Hoje falarei dos NICHOS a Nossa Senhora, tema brilhante e oportuno para emaranhar em nossas mãos um rosário que em realidade significa a nossa absoluta dedicação pelas sensações místicas.

Quis a Revista da M. P. F. «MENINA E MOÇA» de que é Directora uma Ex.<sup>ma</sup> Dama, nobre em sentimentos e formosa na sua finíssima cultura, lançar nas mãos das Professoras Primárias de Portugal o pergaminho que mistifica a ideia inteligente e notável, digna do aplauso em unísono do público e de todo o jornalista católico, que foi a implantação nas estradas e nos caminhos de um NICHOS levantado à veneração do povo, especialmente dos jovens, a NOSSA SENHORA.

Todas as louçanias e glórias vão para a generosa ideia!

Levantar um culto, enfeitá-lo de giestas e rosas, glorificá-lo com toda a alma do povo rude, exteriorizando suas quimeras numa evocação viva e intensa.

O MINHO é um louvor enamorado de poetas e também um eleito por Maria, a Virgem que encontramos erguida e perfumada de flores em todos os recantos onde existem capelas e ermidas. É que o povo minhoto ingénuo e obediente tranquiliza-se quando procura na ermida, ao pé do altar, aquele conforto e fortalecimento que a vida no exterior lhe tira.

## «Conquistamos Almas, em vez de Territórios»

Pelos jornais, assim como pela Televisão e pela Radiofonia, todo o país tem conhecimento do entusiasmo com que em Moçambique foi recebido o Presidente da República, que é quem ali, como na metrópole, e em qualquer outro nosso domínio secular na Orbe, representa a Nação Portuguesa: — uma só família de portugueses, assim brancos como pretos e mestiços, ou de cor amarela, quais os nossos irmãos macaenses. Do Minho a Timor, Portugal é um só: — um só na alma, na cultura, na civilização, na língua e na Fé de Cristo. E, como verificamos, um só também na pública manifestação de unidade nacional, precisamente quando contra nós se levanta o inimigo da Civilização, e nos quer roubar o património secular herdado dos nossos Maiores. Com a viagem de visita do Presidente da República a Moçambique, tal como, no ano passado, com a sua viagem de visita a Angola, e a outros dos nossos domínios seculares, — afirmamos solenemente e *urbi et orbi* (ou seja *universalmente*) a propriedade de que é nossa, da Nação, e decisão definitiva de defender o que nosso é, sem esmorecimento algum — e até que a vitória seja definitivamente nossa, como esperamos de Deus e da Padroeira de Portugal.

Na sessão solene de *boas-vindas* ao Presidente da República, Almirante Américo Thomaz, na Câmara Municipal de Lourenço Marques — sessão de *boas-vindas* em nome de toda a população dessa cidade e seu concelho — o Presidente da República, justamente comovido

com a manifestação de carinho que lhe fez o povo, mescla de brancos e negros e mestiços, todavia uma só alma de portugueses, fez um discurso, e, entre outras palavras, disse que a voz do *nosso Povo, como sempre, nos grandes momentos da nossa história, é a mesma, a apontar o caminho do dever e da honra*. E disse ainda: — É o povo que assim pensa e age, está em todos os pontos do Mundo, e é tão português aqui, como em qualquer outra parte. *Esta afirmação só nós, que conquistamos almas, em vez de territórios, a podemos fazer, sem contestação que valha*. Por isso, seja quem for que tenha visto a luz de vida em Moçambique, é tão português como se tivesse nascido no Minho, a mais antiga província de Portugal. *É esta peculiaridade, que de parcelas distintas e aparentemente diferentes faz um todo, único e homogéneo, amalgamando as almas numa só alma, a da alma da Pátria lusitana. Traço característico, mantido através dos séculos, que só na nossa gente existe e constitui a sua força*»

Sublinhámos alguns passos das palavras do Chefe de Estado, e, particularmente, tornamos a citar as que dizem: — *conquistamos almas, em vez de territórios*. Foi assim mesmo. A ideia motora dos nossos Descobrimientos, e que tomava a dianteira a tudo o mais, em matéria de expansão, era a evangelização de povos mergulhados nas trevas da ignorância religiosa e cristã. Onde, pois, o que os nossos Maiores conquistaram, sobretudo, foram almas para Deus, para a Fé e, implicitamente, para a Civilização. Entendíamos que os pretos e de outras cores que não a branca, eram nossos irmãos em Cristo, homens como nós, almas absolutamente iguais às nossas, com os mesmos direitos que qualquer de nós à felicidade eterna, e, neste Mundo, a serem tratados e respeitados como seres humanos. Por conseguinte, com a nossa história na mão, o Chefe do Estado, Almirante Américo Thomaz, tem razão absoluta em dizer que «conquistamos almas, em vez de territórios», e, assim, conseguimos *amalgamar as almas numa só alma, a da Pátria lusitana*. É uma verdade característica da história dos portugueses pois já vem do início da Nacionalidade — e só na nossa gente existe e constitui o segredo da sua força (assim o disse também o Sr. Almirante Américo Thomaz).

Não há na história da colonização povo algum que se nos compare, ou que por tão nobre e desinteressado motivo descobrisse mundos novos para o Mundo, e os civilizasse cristãmente. Não esqueçamos esta verdade histórica, exclusiva de Portugal, e que não podemos deixar de manter e defender, sob pena de deixarmos de ser Portugal, nação independente e civilizadora: nação que, nestes tempos diabólicos e babélicos, proclama alto e bom som, com firmeza, sem medo, os valores eternos da Civilização Latino-Cristã.

A. da F.

## BAPTIZADOS

Na Igreja Matriz foi baptizado um filhinho da Sr.<sup>a</sup> D. Maria Emília Leite de Sousa e do Sr. Francisco Fernandes, que recebeu o nome de Francisco José de Jesus Fernandes.

Foram padrinhos a Sr.<sup>a</sup> Prof.<sup>a</sup> D. Maria Fernanda da Silva Teixeira e o Sr. José Maria da Silva Teixeira.

Na mesma igreja recebeu as águas lustrais do baptismo o menino Fernando Augusto Pinto Miranda, filho da Sr.<sup>a</sup> D. Fernanda Augusta da Silva Leal Pinto e do Sr. Augusto Ferreira Miranda, empregado bancário, em Braga.

Foram padrinhos os avós maternos, a Sr.<sup>a</sup> D. Teresa Augusta da Silva e o Sr. Manuel Martins Leal Pinto.

Os nossos parabéns aos pais e padrinhos dos neófitos.